

TODOROV, OS TEMAS DO TU; O FANTÁSTICO EM "ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA"

TODOROV, THE THEMES OF THOU; THE FANTASTIC IN "BLINDNESS"

Saulo Cunha de Serpa Brandão
Doutor em Teoria da Literatura
Universidade Federal do Piauí
(saulo@ufp.edu.br)

Antônia Pereira de Souza¹
Mestre em Letras
Universidade Federal da Paraíba
(antonia1souza@hotmail.com)

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar os temas do tu, como teorizado por Todorov, do gênero fantástico, no romance **Ensaio sobre a cegueira**, de José Saramago, na tentativa de compreender como as personagens se relacionam com seus desejos sexuais, principalmente quando estão cegas e confinadas em um manicômio. Na obra destacam-se os temas do tu: o desejo sexual puro e intenso e a crueldade que provoca ou não prazer, envolvendo a história numa atmosfera ao mesmo tempo sombria e sensual, uma vez que, mesmo as personagens estando sujas, doentes e famintas, seus desejos sensuais fazem-nas perder a censura, tornando-as livres para seduzir e se deixarem seduzir, mesmo que para atingirem seus objetivos necessitem praticar violência. À luz do fantástico, o desejo sexual e a crueldade são tratados no romance de forma assustadora e, ao mesmo tempo, motivadoras para a leitura do romance pela curiosidade que despertam no leitor de descobrir até onde as personagens chegariam para satisfazer seus desejos. O referencial teórico para esta análise é a teoria de Tzvetan Todorov, publicada em 1968, acerca do fantástico tradicional.

Palavras-chave: Temas do tu; Todorov; Violência sexual; Ensaio sobre a cegueira

ABSTRACT: The objective of this paper is to analyze the themes of thou, as theorized by Todorov, in the fantastic genre, as it appears in the novel *Blindness* by Jose Saramago, in an attempt to understand how the characters relate to their sexual desires, especially when they are blind and confined in an asylum. In the work we highlight the themes of thou: the pure and intense sexual desire and cruelty that causes pleasure or not, the story involving an atmosphere at the same time dark and sensual, even the characters being dirty, sick and starving, their sensual desires make them lose censorship, making them free to seduce and be seduced, even to achieve their goals need to practice violence. In light of the fantastic, sexual desire and cruelty are treated in the novel so frightening and at the same time motivating to read the novel that arouse curiosity in the reader to figure out where the characters would come to satisfy their desires. The theoretical framework for this analysis is the theory of Tzvetan Todorov, published in 1968, about the fantastic traditional.

Keywords: Themes of thou; Todorov; Sexual violence; Blindness

¹ Doutoranda em Letras: Literatura e Cultura.

Introdução

Neste artigo, pretende-se analisar os temas do tu do gênero fantástico, no romance **Ensaio sobre a cegueira**, de José Saramago. O aporte teórico para esta análise é a teoria de Tzvetan Todorov, publicada em 1968, acerca do fantástico tradicional.

Livre de muitas das convenções gramaticais inerentes à língua escrita, **Ensaio sobre a cegueira** foi publicado em 1995. O romance é da autoria de José Saramago, escritor português nascido em 16 de novembro de 1922 e falecido em 18 de junho de 2010 na Espanha. De acordo com Rosane Pavam, Saramago é o “único autor em língua portuguesa a ganhar o Nobel de Literatura” (PAVAM, 2010, p. 14), fato ocorrido em 1998. O autor escreveu poesias, contos crônicas, peças teatrais e romances, entretanto, conforme Massaud Moisés o melhor da obra do escritor foram os romances produzidos a partir de 1980:

[...] uma série de romances que lhe granjearam o renome de que desfruta atualmente: *Levantado do chão* (1980), *Memorial do convento* (1982), *O Ano da morte de Ricardo Reis* (1984), *Jangada de pedra* (1986), *História do cerco de Lisboa* (1989), *O evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), **Ensaio sobre a cegueira** (1995) (MOISÉS, 2006, p. 667, sem grifo no original).

Para melhor contextualização da análise, faz-se necessária uma leitura do romance sobre informações relevantes da história para o estudo dos temas do tu: de repente a população de uma cidade, não identificada, fora atingida por uma epidemia de cegueira branca. O início do problema foi no trânsito, quando o sinal verde acendeu e o carro do meio não saiu. Começou uma confusão de buzinas e palavras até descobrirem que o motorista estava cego, enxergava apenas como se estivesse mergulhado num mar de leite, era a cegueira branca. Um transeunte levou o primeiro cego para sua residência e aproveitou para roubar-lhe o carro.

O primeiro cego foi ao médico, mas nada adiantou, pois este não conhecia a doença. À noite o médico também perdeu a visão. Em seguida muitas outras personagens, como a rapariga dos óculos escuros, uma garota de programa que foi acometida pela doença no exercício da profissão. O médico constatou que se tratava de uma epidemia e comunicou o caso às autoridades. O governo decidiu

levar os cegos para um manicômio abandonado e o primeiro a ser recolhido foi o próprio oftalmologista. A fim de fazer-lhe companhia, a esposa deste fingiu-se de cega.

No manicômio os cegos eram vigiados por soldados armados que ficavam em uma guarita. A água era insuficiente, as condições de higiene precárias e a comida pouca, mas dava para alimentá-los, até que surgiram os cegos malvados. Estes recolheram os alimentos que o exército distribuiu e exigiram em troca todos os pertences dos outros cegos. Todavia a mulher do médico não lhes entregou uma tesoura. Pendurou-a na parede.

Uma vez que os cegos não tinham mais objetos para trocarem por comida, os cegos malvados exigiram encontros com as mulheres que acompanhavam aqueles. Na primeira noite foram sete mulheres da camarata (enfermaria) do médico, entre elas: a mulher do médico, a mulher do primeiro cego, a rapariga dos óculos escuros e a cega das insônias. Na camarata dos cegos malvados estavam vinte e um homens, destes o mais violento era o cego da pistola. As mulheres ficaram em filas para serem apalpadadas e escolhidas. O primeiro a escolher foi o cego da pistola. Preferiu a rapariga dos óculos escuros e a mulher do médico. Em seguida os outros cegos fizeram suas escolhas. Depois de serem espancadas e violentadas, voltaram para a sua camarata ao amanhecer, mas a cega das insônias estava morta. Como pagamento pelo encontro, a primeira camarata ganhou uma pequena quantidade de sopa que fora entregue aos homens.

Quatro dias depois, os cegos malvados convocaram as mulheres da segunda camarata. Eram quinze e a elas somou-se a mulher do médico portando a tesoura. Esta não foi descoberta porque nesta noite os cegos não tiveram paciência para escolherem as mulheres. Relacionavam-se com todas as que suas mãos encontrassem. Quando começou a orgia e o cego da pistola parecia chegar ao êxtase, a mulher do médico cortou-lhe a garganta, para desespero da cega que estava com ele, pois ao sentir o sangue jorrar a moça gritou achando que teria lhe arrancado uma parte do corpo com os dentes.

A mulher do médico fez a cega calar-se, levou-a para o fundo da camarata, enquanto as outras cegas desesperadas tentavam sair do ambiente. O cego da contabilidade tomou conta da pistola, atirou e na hora em que a mulher do médico falou, ele a reconheceu. Esta saiu distribuindo golpes de tesoura nos outros

cegos. O cego armado disse-lhe que a camarata dela não receberia mais comida, nem se elas repetissem o que fizeram na primeira noite de encontros.

A mulher do médico uniu-se aos cegos honrados e combinaram de pegar comida à força na camarata dos cegos malvados, entretanto a invasão foi desastrosa, uma vez que dois cegos foram baleados pelo cego da contabilidade. Resolveram então recolher a comida quando o exército a trouxesse, mas a comida não apareceu. Esperavam com muita fome e já sem forças até que uma cega recém-chegada ateou fogo na camarata dos cegos malvados com um isqueiro. Morreu junto com eles. O ambiente foi invadido por uma fumaça preta e ameaçava desabar. A mulher do médico observou que os soldados não estavam no posto de vigilância e o portão encontrava-se aberto. Então ela orientou os cegos para saírem do manicômio. Muitos foram esmagados contra o muro na pressa de escapar do incêndio.

Nas ruas, os cegos não sabiam para onde ir. Entravam e ficavam em qualquer casa, loja ou supermercado. O grupo da mulher do médico ficou numa loja enquanto ela procurava comida. Em seguida encontraram a casa da rapariga de óculos escuros e a casa do médico onde vestiram roupas limpas e tomaram banho.

No dia seguinte o primeiro cego, a rapariga de óculos escuros e o velho da venda preta enxergaram, bem como muitos outros habitantes da cidade que gritavam e comemoravam nas ruas. O médico e a mulher tentavam entender a causa da cegueira, entretanto ela disse-lhe que não cegaram, eram cegos que, vendo, não veem. Ao contemplar as pessoas que gritavam e cantavam em uma rua coberta de lixo, a mulher olhou para o céu e viu-o branco. Pensou que fosse sua vez de cegar, mas quando baixou os olhos via a cidade.

O fantástico e seus temas

Todorov conceitua o fantástico como “a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 2004, p. 31). A ambiguidade deve se “manter até o fim da aventura: realidade ou sonho? Verdade ou ilusão?” (TODOROV, 2004, p. 30). Tais perguntas transportam o leitor para o âmago do fantástico, conforme se percebe neste trecho:

[...] num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, sílfides, nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuariam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas neste caso a realidade é regida por leis desconhecidas para nós (TODOROV, 2004, p. 30).

Os temas do fantástico são classificados por Todorov em temas do eu (ou do olhar) temas do tu (ou do discurso). Os temas do eu (do olhar)² referem-se ao “isolamento do homem em sua relação com o mundo que constrói, enfatizando esse confronto sem que um intermediário tenha que ser nomeado” (TODOROV, 2004, p. 164). Os temas do tu (ou do discurso) tratam da sexualidade, da relação do homem com seu desejo, com forte ação sobre o mundo circundante; descrevem o “desejo sexual [...] particularmente suas formas excessivas bem como suas diferentes transformações, ou se quisermos, perversões” (TODOROV, 2004, p. 147).

O teórico nomeia os seguintes temas do tu: o desejo sexual puro e intenso; o diabo e a libido; a religião, a castidade e a mãe; o incesto; o homossexualismo; o amor a mais de dois; a crueldade que provoca ou não prazer; a morte: contiguidades e equivalências com o desejo; a necrofilia e os vampiros; o sobrenatural e o amor ideal; o outro e o inconsciente.

O uso do fantástico permite que se trate de assuntos polêmicos sem vulgarizá-los, livrando os autores e suas obras da censura institucionalizada e da censura da própria psique dos autores. De acordo com Todorov, existiriam duas censuras para inibir a produção literária, caso não se recorresse ao fantástico: a institucionalizada e a particular de cada autor, gerada pelo medo de se expor inadequadamente sobre temas que a sociedade considera “proibidos”:

Ao lado da censura institucionalizada, existe uma outra, mais sutil e mais geral: a que reina na própria psique dos autores. A condenação de certos atos pela sociedade provoca uma condenação que se exerce dentro do próprio indivíduo, constituindo-se para ele em proibição de abordar certos temas tabus (TODOROV, 2004, p. 166).

² Entre os temas do eu (ou do olhar) encontram-se “metamorfoses, desdobramento da personalidade e transformações do tempo e do espaço” (TODOROV, 2004, p. 133).

No romance **Ensaio sobre a cegueira** destacam-se os temas do tu: o desejo sexual puro e intenso e a crueldade que provoca ou não prazer, envolvendo a história numa atmosfera ao mesmo tempo sombria e sensual, uma vez que mesmo as personagens estando sujas, doentes e famintas, seus desejos sexuais fazem-nas perder a censura, tornando-as livres para seduzir e se deixarem seduzir mesmo que para atingirem seus objetivos necessitem praticar violência.

O desejo sexual puro e intenso

O desejo sexual, segundo Todorov, é “um fato ímpar por sua intensidade” (TODOROV, 2004, p. 36), uma experiência essencial à vida, capaz de dominar quem a experimenta, não sendo apenas mais uma experiência de vida: “[o desejo sexual] não se trata de uma experiência entre outras, mas daquilo que é mais essencial na vida” (TODOROV, 2004, p. 135). O teórico classifica esse desejo em puro ou intenso.

No romance **Ensaio sobre a cegueira**, o médico e sua esposa vivem o desejo puro, uma vez que, apesar de transparecer que o casal mantém relacionamentos amorosos, esses são mencionados de forma discreta, como na ocasião em que a mulher do médico presencia um casal de cegos se relacionando, fica parada observando e o narrador diz que não era por inveja porque estava satisfeita com o marido: “A mulher do médico ficou parada a olhá-los, não por inveja, tinha o seu marido e a satisfação que ele lhe dava” (SARAMAGO, 2010 p. 153). Entretanto, a mulher do médico, certa vez chora contendo os desejos ao lado do marido e parece que não tem liberdade para sugerir o relacionamento:

Deitada ao lado do marido, o mais juntos que podiam estar, por causa da estreiteza da cama, mas também por gosto, quanto lhe havia custado, no meio da noite, guardar o decoro, não fazer como aqueles a quem alguém tinha chamado de porcos, [...]. Sem poder dominar-se, desatou num choro convulsivo, como se lhe tivesse acabado de suceder a pior das desgraças (SARAMAGO, 2020, p. 100).

O desejo intenso, de acordo com Todorov é despertado por uma mulher de sensualidade excessiva, sendo esse desejo capaz de “exercer um domínio excepcional” (TODOROV, 2004 p. 136) sobre as outras personagens. A jovem de

óculos escuros é a mulher de sensualidade excessiva no romance em estudo. Ela é descrita como a dona de uma beleza estonteante: “Esta mesma rapariga, entenda as mulheres quem puder que é a mais bonita de todas as que aqui se encontram, a de corpo mais bem feito, a mais atraente que todos passaram a desejar quando correu a voz do que valia” (SARAMAGO, 2010, p. 176). Essa jovem era garota de programa, quando enxergava, entretanto depois de cega, continuou despertando os sentidos dos homens para os prazeres físicos, como aconteceu com o ladrão, o cego da venda preta, o médico e o cego da pistola.

O ladrão era um homem de sentidos aguçados para o sexo, pois ao chegar ao manicômio teve logo uma ereção só de pensar que poderia ser guiado até o banheiro pela mulher do médico. A fim de que evitassem constrangimentos, resolveram ir todos juntos em fila, ele ficou atrás da rapariga de óculos escuros e não perdeu tempo. Começou a seduzi-la: “acariciando-lhe a nuca por baixo dos cabelos, a outra, direta e sem cerimônias, apalpando-lhe o seio” (SARAMAGO, 2010, p. 57). A jovem não correspondeu à conquista e enfiou o salto do sapato na coxa do pretendente, em consequência desta agressão, o ladrão foi acometido por uma infecção e como não tinham medicamentos para tratá-lo, uma noite ele resolveu pedir ajuda aos policiais. Estes com medo de serem contaminados pela cegueira branca, atiraram no ladrão que faleceu em seguida. Segundo Todorov, é comum as personagens de obras com elementos do fantástico terem destinos infelizes, uma vez que a felicidade pertence ao gênero maravilhoso, um dos vizinhos do fantástico³.

O médico também foi arrebatado pelos encantos da rapariga dos óculos escuros, procurou-a certa noite e foi correspondido, conforme se observa neste trecho: “a rapariga despertou e o recebeu sem protesto, como as duas bocas se buscaram e encontraram, e depois o que tinha de suceder sucedeu, o prazer de um, o prazer do outro, o prazer de ambos, os murmúrios abafados” (SARAMAGO, 2010, p. 171). A mulher do médico ficou surpresa e, paralisada, observou a cena, depois esta reagiu inesperadamente abraçando os dois e numa conversa sensual confessou à jovem que enxergava. Parece que a “perturbação sensual” (TODOROV,

³Todorov situa o fantástico entre os gêneros estranho e maravilhoso: “o fantástico leva, pois, uma vida cheia de perigos, e pode se desvanecer a qualquer instante. Ele antes parece se localizar no limite de dois gêneros, o estranho e o maravilhoso, do que ser um gênero autônomo” (TODOROV, 2004, p. 47).

2004, p. 145) despertada pelo corpo da rapariga dos óculos escuros encantava também as mulheres:

Sentou-se na borda da cama, estendeu o braço por cima dos dois corpos, como para cingi-los no mesmo amplexo, e, inclinando-se para a rapariga dos óculos escuros, murmurou-lhe baixinho ao ouvido, Eu vejo [...] [a rapariga dos óculos escuros] girou a cabeça um pouco e sussurrou por sua vez ao ouvido da mulher do médico, Eu sabia [...] Murmuravam ao ouvido, ora uma, ora outra, tocando com os lábios o cabelo, o lóbulo da orelha, era um diálogo insignificante, era um diálogo profundo, se podem estar juntos estes contrários, uma pequena conversa cúmplice que parecia não conhecer o homem deitado entre as duas, mas que o envolvia numa lógica fora do mundo das ideias e realidades comuns (SARAMAGO, 2010, p.172).

O velho da venda preta teve mais sorte, porque foi a jovem quem o seduziu e como a experiência foi surpreendente, ela decidiu que ficaria com ele, ainda quando estavam cegos, e confirmou sua decisão quando voltaram a ver. Contrariando os comentários maldosos dos outros homens da primeira camarata, que diziam que a jovem relacionou-se com o velho por piedade. A rapariga dos óculos escuros demonstrava-se carinhosa e companheira, como se observa no momento em que ajuda o velho a tomar banho na casa do médico: “Nesse momento sentiu que umas mãos lhe tocavam as costas, que iam recolher-lhe a espuma dos braços, do peito também, e depois lha espalhavam pelo dorso, devagar [...] agora o corpo arrepiava-se, não de frio” (SARAMAGO, 2010, p. 270).

O relacionamento desse casal deixou os outros homens da primeira camarata em devaneios, esperançosos e ao mesmo tempo cautelosos, uma vez que consideravam a mulher como o melhor prêmio que um homem poderia ganhar. Indagavam-se se, também, tinham direito ou precisariam ficar velhos antes, afinal essa fortuna não seria de fácil acesso:

[...] a pensar que não deveria haver melhor prêmio neste mundo que encontrar-se um homem estendido na sua cama, sozinho, imaginando impossíveis, e perceber que uma mulher vem levantar as cobertas muito devagar e por debaixo delas se insinua, roçando lentamente o corpo ao longo do corpo, até ficar quieta enfim, em silêncio, à espera de que o ardor dos sangues apazigúe o súbito tremor da pele sobressaltada. E tudo isto por nada, só porque ela quis (SARAMAGO, 2010, p. 171).

De acordo com Todorov, “a mulher que se deixa arrastar por seus desejos” (TODOROV, 2004, p. 145) sofre as consequências de seus atos. Em **Ensaio sobre a cegueira** há duas referências a este aspecto. Trata-se das personagens rapariga dos óculos escuros e da cega das insônias. Consta que a rapariga poderia ter cegado por causa de seu comportamento fora dos padrões morais, ou conforme Todorov, ela ganhou “a punição a um desejo sexual excessivo” (TODOROV, 2004, p. 146), como se depreende deste trecho no qual o narrador tenta explicar o que ela gostaria de dizer aos policiais que não queriam levá-la para casa, alegando que pessoas dessa profissão não pagam impostos: “[...] o que ela queria dizer era que tinha sido castigada por causado seu mau porte, da sua imoralidade, ora aí está. Dissera à mãe que não iria jantar a casa, e afinal chegaria muito a tempo, ainda antes do pai” (SARAMAGO, 2010, p. 36).

Percebe-se na obra que a jovem parece exercer a profissão por prazer. Sentia-se desafiada a buscar momentos nos quais realizava seus desejos sensuais, com naturalidade, embora se relacionasse com vários parceiros e muitos deles pagavam pelos encontros. Era ao mesmo tempo a realização financeira e pessoal. É como se em cada encontro ela vivesse o que Todorov denomina “uma experiência ímpar por sua intensidade” (TODOROV, 2004, p. 136), como ocorreu no dia em que a jovem cegou:

[...] premiu o botão do terceiro andar , trezentos e doze era o número que a esperava, é aqui, bateu discretamente a porta, dez minutos depois estava nua, aos quinze gemia, aos dezoito sussurrava palavras de amor que já não tinha necessidade de fingir, aos vinte começava a perder a cabeça, aos vinte e um sentiu que o corpo se lhe despedaçava de prazer, aos vinte e dois gritou, Agora, agora, e quando recuperou a consciência disse, exausta e feliz, Ainda vejo tudo branco (SARAMAGO, 2010, p. 33).

Entretanto, quando o relacionamento sexual foi imposto, toda a libido da rapariga dos óculos escuros parece que desapareceu, pois a jovem não se empolgou com a possibilidade do encontro com os cegos malvados, quando exigiram mulheres em troca de comida. Ela sentia nojo só de pensar na possibilidade ser tocada por eles. No encontro, parecia que o mundo de seus prazeres físicos estava fechado, pois ela ficou calada, indiferente ao prazer que o parceiro sentia, vomitou de nojo do cego da pistola e chorou:

[...] o cego da pistola puxou e rasgou a saia da rapariga dos óculos escuros, como desceu as calças e, guiando-se com os dedos, apontou o sexo ao sexo da rapariga [...] a rapariga dos óculos escuros não dizia nada, só abriu a boca para vomitar [...] enfim o homem sacudiu-se todo, deu três sacões violentos como se cravasse três espeques, resfolegou como um cerdo engasgado. Acabara. A rapariga dos óculos escuros chorava em silêncio (SARAMAGO, 2004, p. 176).

Quanto à cega das insônias, demonstrava ser a mais debilitada das mulheres da camarata do médico. Entretanto, quando os cegos malvados perguntaram quantas mulheres eles tinham e a mulher do médico, por piedade, disse que tinham seis, excluindo a cega das insônias, esta não controlou os desejos e disse que eram sete. Na hora do encontro juntou-se às outras mulheres e durante a orgia “uivava de desespero” (SARAMAGO, 2010, p. 176). Será que era desespero mesmo? Por que fez tanta questão de ir? Não resistiu às emoções da noite e faleceu: “Nesse preciso momento a cega das insônias foi-se abaixo das pernas, literalmente, como se lhe tivessem decepado de um golpe, foi-se lhe também o coração abaixo [...]. Está morta, disse a mulher do medico” (SARAMAGO, 2010, p. 178).

O homem que não controla seus desejos também pode ser punido através da transformação do “objeto de seu desejo” (TODOROV, 2004, p. 145). No romance, os cegos malvados não controlavam seus instintos sensuais, a ponto de trocarem comida por mulheres: “Passada uma semana, os cegos malvados mandaram recado de que queriam mulheres. Assim, simplesmente: Tragam-nos mulheres. Esta inesperada, ainda que não de todo insólita, exigência causou a indignação que é fácil imaginar” (SARAMAGO, 2010, p. 165). O descontrole sexual desses cegos era tão grande que muitos deles se comportavam como animais ao sentirem a presença das mulheres ou tocá-las nos encontros:

Já aí vêm, já aí vêm. De dentro saíram gritos, relinchos, risadas. Quatro cegos afastaram rapidamente a cama que servia de barreira à entrada, Depressa, meninas, entrem, entrem, estamos todos aqui como uns cavalos, vão levar o papo cheio, dizia um deles [...] Os cegos relincharam, deram patadas no chão, Vamos a elas que se faz tarde, berraram alguns (SARAMAGO, 2021, p. 176).

As humilhações sofridas pelas mulheres nos encontros onde foram obrigadas a aguentar “o furor erótico de vinte machos desenfreados que, pela

urgência, pareciam estar cegos de cio” (SARAMAGO, 2010, p. 165), transformaram-nas em mulheres fortes e corajosas a ponto de se rebelarem contra os cegos malvados e terem coragem para insultá-los, roubá-los e até matá-los, uma vez que foram mortos por duas mulheres: a mulher do médico que matou o cego da pistola, líder dos malvados, e a cega do isqueiro que ateou fogo na camarata dos cegos malvados e morreu junto com eles.

Segundo Todorov o desejo não controlado faz a personagem perder a censura, consoante ocorre no romance em estudo, pois o confinamento dos cegos nas camaratas, mesmo com todas as condições adversas, os desejos sensuais eram constantes, uma vez que os cegos constantemente se relacionavam com os companheiros das camaratas, além disso, houve uma explosão de desejos entre os internos, quando os cegos malvados pediram as mulheres, parecia que os homens queriam marcar as mulheres, a fim de que levassem lembranças de suas vontades saciadas:

[...] apetites sensuais que a continuação da convivência havia debilitado, era como se os homens estivessem pondo nas mulheres desesperadamente a sua marcantes que lhas levassem, era como se as mulheres quisessem encher a memória de sensações experimentadas voluntariamente para melhor se poderem defender da agressão daquelas que, podendo ser, recusariam (SARAMAGO, 2010, p. 169).

Como existem várias formas do homem se relacionar com seus desejos, houve uma reação inversa na segunda camarata, porque, a princípio, as mulheres não tiveram uma explosão de desejos. Elas se encolhiam na cama, choravam e não se deixavam ser tocadas pelos homens, entretanto, quando chegou o dia de se encontrarem com os cegos malvados, aparece uma mulher preocupada sobre como reagiria, caso sentisse prazer com aqueles cegos. O que antes parecia um encontro desagradável, agora afluía desejos libidinosos:

O que as aterrorizava não era tanto a violação, mas a orgia, a desvergonha, a previsão da noite terrível, quinze mulheres esparramadas nas camas e no chão, os homens a ir de umas para as outras, resfolegando como porcos. O pior de tudo é se eu vou sentir prazer, isto pensava-o uma das mulheres (SARAMAGO, 2010, p. 184).

A crueldade que provoca ou não prazer

A crueldade, para Todorov, também é um tipo de desejo existente nos relacionamentos entre os homens, na busca da posse de seus instintos. Está relacionada ao desejo sexual e pode causar ou não prazer em quem a pratica.

O desejo e suas diversas variações, inclusive a crueldade, são igualmente figuras em que se acham colocadas as relações entre os seres humanos; ao mesmo tempo, a posse do homem pelo que se pode chamar rapidamente “seus instintos” coloca o problema da estrutura da personalidade, de sua organização interna (TODOROV, 2004, p. 148).

O teórico búlgaro-francês menciona cinco tipos de crueldade: próxima ao sadismo; pura; torturas que provocam prazer em quem as inflige; violência puramente verbal; e, natureza verbal da violência. Todas essas formas de crueldade encontram-se no romance **Ensaio sobre a Cegueira**.

A crueldade próxima ao sadismo, na qual as personagens são castigadas, perfuradas e as torturas que provocam prazer em quem as inflige ocorrem nas noites em que as mulheres se encontraram com os cegos malvados, porque elas foram insultadas e espancadas pelos homens que buscavam prazer nos corpos dessas, como se depreende desta citação: “as mulheres todas elas, já estavam a gritar, ouviam-se golpes, bofetadas, ordens, Calem-se, suas putas, estas gajas são todas iguais, sempre têm de pôr-se aos berros, Dá-lhe com força, que se calará” (SARAMAGO, 2010, p. 176).

A crueldade pura, “cuja origem sexual nem sempre é aparente” (TODOROV, 2004, p. 141), mas descreve uma alegria sádica em quem a pratica, estaria na forma que o governo encontra para se livrar das vítimas da cegueira branca, pois não apresenta origem sexual, mas as autoridades e até os soldados que vigiam os cegos demonstram certa alegria sádica ao tratarem da questão. Os soldados, às vezes atiravam contra os cegos apenas para verem-nos desnorreados ou para matá-los mesmo e nunca se prontificam para ajudá-los, ao contrário, dificultam o que podem. Quanto às autoridades governamentais, aparentemente estão compadecidas com a situação e acreditam ter tomado as providências cabíveis, consoante as informações passadas aos cegos pelo alto falante do manicômio: “O Governo lamenta ter sido forçado a exercer energicamente o que

considera ser seu direito e seu dever, proteger por todos os meios as populações na crise que estamos a atravessar” (SARAMAGO, 2010, p. 73). Entretanto, um sargento parece que externa o verdadeiro desejo das autoridades: a morte dos cegos para livrar a cidade daquele caos: “[...] o melhor era deixá-los morrer à fome, morrendo o bicho acabava-se a peçonha” (SARAMAGO, 2010, p. 89).

Na violência puramente verbal, “o ato de crueldade consiste na articulação de certas frases, não numa sucessão de atos efetivos” (SARAMAGO, 2010, p. 143). No romance **Ensaio sobre a cegueira**, um bom exemplo dessa violência acontece quatro dias depois da primeira noite que as mulheres da primeira camarata passam com os cegos malvados e três deles visitam-nas para saber se elas já estão prontas para outro encontro, pois neste momento, elas ouvem algumas frases que as fazem lembrar a tortura da primeira noite e o prenúncio do que seriam as próximas que lhes aguardavam, mas não existem atos efetivos de violência: “[...] perguntar se as mulheres daqui já estavam restabelecidas dos assaltos eróticos da outra noite, Uma noite bem passada, sim senhores, exclamou um deles lambendo os beijos, E outro confirmou, Estas sete valeram por catorze” (SARAMAGO, 2010, p. 183). Quando sabem que não são mais sete mulheres, anunciam mais “trabalho” para elas: “Ó diabo, então vocês terão de trabalhar mais na próxima vez” (SARAMAGO, 2010, p. 183).

A natureza verbal da violência, conforme descreve Todorov, objetiva envolver a história em sensualidade, apesar da violência ali demonstrada, para tanto não caracteriza uma personagem como violenta, nem demonstra alegria sádica em quem a pratica: “os atos de crueldade não visam caracterizar uma personagem; mas as páginas em que são descritos reforçam e matizam a atmosfera de sensualidade em que se banha a ação” (TODOROV, 2004 p. 143). No romance de Saramago esse fenômeno acontece, sobretudo em quatro situações protagonizadas pela mulher do médico. A primeira vez acontece, quando as mulheres da camarata do médico voltam do encontro com os cegos malvados e ela resolve limpá-las, numa cena coroadada de sensualidade: “Quando o médico e o velho da venda preta entraram na camarata com a comida, não viram, não podiam ver, sete mulheres nuas [...] enquanto outra mulher lavava, uma por uma, as suas companheiras e depois a si própria” (SARAMAGO, 2010, p. 181). A saída dos cegos do manicômio na hora do incêndio também apresenta sensualidade, porque a mulher do médico

sai da fumaça, quase nua, com os seios à mostra, orientando um batalhão de cegos a saírem daquele ambiente. O narrador até imagina qual seria a reação dos soldados, caso ainda estivessem na guarita e vissem os seios da mulher do médico: “[...] a mulher do médico conseguiu enfim sair para o patamar, praticamente vinha meio despida [...] os soldados iam ficar de olhos arregalados quando ela lhes aparecesse pela frente com os seios meio descobertos” (SARAMAGO, 2010, p. 209).

A atmosfera lúbrica em torno da mulher do médico se mantém fora do manicômio, numa situação inusitada, quando, na chuva, essa tenta levar comida para os cegos, no entanto o cheiro dos alimentos se alastram e atrai a atenção de cegos e de cães que a perseguem pelas ruas a fim de lhe tomarem as sacolas. Na confusão, os cegos retiram o único pedaço de tecido que ainda lhe cobria a parte superior do corpo, deixando-a completamente nua da cintura para cima: “Alguém tinha deitado a mão ao último farrapo que mal a tapava da cintura para cima, agora ia de peitos descobertos, por eles, lustralmente, palavra fina, lhe escorria a água do céu” (SARAMAGO, 2010, p. 225).

Na primeira noite em que a mulher do médico e os seis cegos de seu grupo dormem na residência do casal, ela, juntamente com a rapariga dos óculos escuros e a mulher do primeiro cego, envolvem-se numa cena extremamente libidinosa, o que deixa o cego da venda preta desnortado, imóvel e tenso de imaginá-las, através das palavras que ouve. Aconteceu desta forma: à noite, chovia muito, então a mulher do médico resolveu tomar banho nua na varanda da casa e lavar as roupas dos cegos. Logo percebeu que não estava mais sozinha. Pediu que as duas tirassem as roupas para ajudá-la, mas o que predominou foi o banho em intermináveis espumas. A situação animou até o narrador que desejou está nu junto com elas:

[...] despiu de golpe a bata molhada, e, nua, recebendo no corpo, umas vezes a carícia, outras vezes a vergastada da chuva, pôs-se a lavar as roupas [...] Não podem imaginar que estão além três mulheres nuas, nuas como vieram ao mundo, parecem loucas, devem estar loucas, pessoas em seu perfeito juízo não se vão por a lavar numa varanda expostas aos reparos da vizinhança [...] meu Deus, como vai escorrendo a chuva por elas abaixo, como desce entre os seios, como se demora e perde na escuridão do púbis, como enfim alaga e rodeia as coxas [...] talvez não sejamos é capazes de ver o que de mais belo e glorioso aconteceu alguma vez

na história da cidade, cai do chão da varanda uma toalha de espuma, quem me dera ir com ela, caindo interminavelmente, limpo, purificado, nu (SARAMAGO, 2010, p. 266).

Ensaio sobre a cegueira envolve o leitor em um efeito do fantástico que Souza (2010, p. 134) denominou “desafio”, uma vez que “desperta um misto de reações [...]: assusta, desagrada, encanta, diverte.”. Observa-se que no romance a forma como as personagens se relacionam com seus desejos, como resolvem suas questões sexuais, são fundamentais para a existência destas, não importa onde e como vivem, a sexualidade deve ser resolvida, seja discretamente, como fazia a mulher do médico, ou sem nenhuma censura, a ponto de anular os sentidos, consoante agiam a rapariga dos óculos escuros e os cegos malvados.

Considerações finais

À luz do fantástico, Todorov, o desejo sexual e a crueldade são tratados em **Ensaio sobre a cegueira** de forma assustadora e, ao mesmo tempo, motivadoras para a leitura do romance pela curiosidade que despertam no leitor de descobrir até onde as personagens chegariam para satisfazer seus desejos.

Observou-se que a maioria delas não tinha limites. Buscavam sexo por prazer e dinheiro, como fazia a rapariga de óculos escuros; trocavam por alimentos, como os cegos malvados; corriam riscos de serem descobertos pelo parceiro de um dos envolvidos, a exemplo da rapariga de óculos escuros e do médico, uma vez que a esposa deste se encontrava no mesmo recinto em que ocorreu a relação adúltera. Neste caso, ainda ocorre a situação inusitada de a esposa ver a cena e recepcioná-los com um abraço. Existe também o caso da mulher do primeiro cego, que assumiu ter se relacionado com outros homens durante o confinamento, alegando ser uma espécie de caridade.

Entretanto, a liberação sexual das personagens ocorrer dentro de lugares fechados, parece uma forma que Saramago encontrou para escapar da censura pessoal e social, em consonância com as ideias de Todorov, quando afirma que, ao lançar mão de elementos do fantástico em suas obras o escritor foge de duas censuras, a pessoal e a social. Como o normal dos relacionamentos íntimos é ocorrer em recintos, talvez ficasse liberal demais deixar as personagens satisfazerem seus instintos ao ar livre na cidade.

Diante de tanta liberdade sexual, uma personagem se continha e aparentava ser muito recatada: a mulher do médico. Seria uma forma de não assustar os leitores mais conservadores? Outro aspecto relevante em **Ensaio sobre a cegueira** é a resignação da prostituta, pois depois que a rapariga de óculos escuros une-se ao cego da venda preta, não há mais referência de encontros dela com outros homens. Neste caso, existe a quebra do estigma que há em muitos romances, como **Madame Bovary**, de Gustave Flaubert, que a mulher de sensualidade excessiva ou que satisfaz seus desejos sexuais sem culpa, é punida com a morte; uma vez que a rapariga de óculos escuros, apesar do “castigo” do qual foi vítima, continua sensual e aparentemente feliz ao lado do cego da venda preta.

Referências

MOISÉS, M. Tendências contemporâneas. In: _____. **A literatura portuguesa através dos textos**. 30. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 607-679.

PAVAM, R. José Saramago e o silêncio de Deus. **Carta na escola**: Ensaio sobre Saramago. São Paulo, Editora Confiança, n. 49, p. 14-19, 2010.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SOUZA, A. P, de. **O fantástico no romance Não verás país nenhum, de Ignácio de Loyola Brandão**. 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. 3. ed. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2004.